

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Gabriel Moreira Bastos

**O USO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO COMO
FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO
CONCEITO DE TERRITÓRIO**

Rio de Janeiro
2022



Gabriel Moreira Bastos

**O USO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA
PARA O ESTUDO DO CONCEITO DE TERRITÓRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientadora Professora Ma. Lucia Maria de Baère Naegeli.

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

B327 Bastos, Gabriel Moreira

O uso do cinema de animação como ferramenta didática para o estudo do conceito de território / Gabriel Moreira Bastos. - Rio de Janeiro, 2021.

18 f.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como Artigo Científico(Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientadora: Lucia Maria de Baère Naegeli.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Cinema. 3. Território. 4. Aprendizagem escolar. I. Naegeli, Lucia Maria de Baère. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Gabriel Moreira Bastos

O USO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO CONCEITO DE TERRITÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: 28/09/2021.

Banca Examinadora:

Professora Ma. Lucia Maria de Baère Naegeli.
Colégio Pedro II.

Professor Dr. Demian Garcia Castro.
Colégio Pedro II.

Professora Ma. Gabrielle de Souza Frade
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

O USO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO CONCEITO DE TERRITÓRIO

Gabriel Moreira Bastos

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal aproximar Geografia Escolar e Cinema a partir da instrumentalização de filmes, especificamente da categoria animação, para que se tornem ferramentas didáticas na construção do conceito de território e outros saberes geográficos que o envolvam. Uma vez que o Cinema, desde sua origem, vem se mostrando capaz de representar em suas obras espaços e sociedades do mundo real, pode, assim, produzir representações de fenômenos geográficos, a serem apropriados pelos professores para que se desenvolva o raciocínio geográfico em seus alunos. A escolha pelo conceito de território se justifica pela sua importância na Geografia Escolar, demarcada pela BNCC e tão presente no dia a dia de quem ensina e aprende Geografia. Para iluminar esse objetivo, propõem-se alguns exemplos de animações e possíveis usos.

Palavras-chave: Cinema; território; Geografia Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Durante a sua história, se pergunta qual sua principal função no mundo, sua contribuição para a sociedade, principalmente entre aqueles que produzem, que praticam, que vivem deste ofício. Parece haver, desde o senso comum até os grandes acadêmicos da área, uma eterna busca por explicação da sua importância ou de sua prática, da sua construção e até mesmo uma busca por afirmação perante si próprio e as demais ciências e linguagens. E o que torna essa busca mais curiosa é que quase todos são, para dizer o mínimo, seus consumidores (exceto a infeliz parcela da população excluída de acesso a elementos básicos de formação cultural e educação). Durante a infância e adolescência, inúmeras vezes estamos em uma sala por algumas horas refletindo sobre temas expostos, despertando em nós (ou não) interesse sobre aquilo que é exibido, interagindo, ou, ao menos, vendo e escutando o que está ocorrendo nessa sala; mas, ainda assim, não há um consenso ou uma resposta absoluta sobre seu sentido ou função e o porquê de todos estarmos nessa sala tantas vezes. Por outro lado, desde seus primórdios há a sensação de que, de diferentes formas (variando de acordo com o aparato técnico-científico e traços culturais e antropológicos do seu espaço-tempo), uma das suas capacidades é apresentar o mundo aos espectadores - mesmo que não seja este seu objetivo principal.

O parágrafo acima se refere à Geografia ou ao Cinema?

Se a pergunta acima for respondida com alguma dúvida ou confusão, é sinal de que, ainda que pareçam distintos demais, a Geografia e o Cinema possuem semelhanças em sua trajetória na sociedade e nos desafios que enfrentam. Não cabe neste artigo discutir a fundo epistemologia, história ou correntes filosóficas da Geografia, Geografia Escolar ou Cinema, mas, aproveitando essas semelhanças, pode-se ter um ponto de partida: o Cinema e a Geografia Escolar são presentes no dia a dia de crianças e adolescentes, e conseguem, cada um a sua maneira, criar representações de mundo no imaginário desses indivíduos. Em outros termos, pode-se afirmar que toda produção cinematográfica e toda prática pedagógica em Geografia Escolar são potenciais construtoras de representações do mundo, de uma realidade espacial, um espaço geográfico. E, portanto, se podem atingir um mesmo alvo, por que não poderiam ser trabalhadas simultaneamente?

A BNCC indica que “para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico”¹. A forma de estimular esse raciocínio passa por entender um espaço geográfico, seus processos e arranjos, podendo se dar através do acesso as suas representações, e essas podem ser construídas pela Geografia Escolar, ou também pelo Cinema, ou de tantas outras formas, que não devem ser conflitantes ou incompatíveis.

Pelo contrário, para que esse desenvolvimento se torne produtivo, deve-se tirar o saber escolar/acadêmico da posição de único ou principal construtor e abraçar o arsenal de saberes prévios dos alunos, os saberes empíricos, os saberes construídos a partir das mais diferentes fontes e formas. Melhor, é necessário reconhecer que não é só a Geografia Escolar que produz a Geografia para os alunos. Partir desse princípio é fundamental para todo e qualquer professor que pretende, para além de inovar as suas práticas pedagógicas e tornar as aulas mais atrativas, expandir o potencial dos alunos, o seu próprio, e da própria Geografia Escolar.

Tomemos como exemplo uma grande metrópole e a especulação imobiliária. O processo de construção de saberes sobre esse espaço geográfico e esse tema pode ser conhecido e

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: educação é a base. Brasília: MEC/SEF, 2018, p. 379. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

(re)construído por um indivíduo através da aula de Geografia, ou através do consumo de produções cinematográficas, como *Aquarius* (2016) e *Up-Altas Aventuras* (2009) - para abarcar exemplos de filme “adulto” e “infantil”. Ou através de olhares próprios de outras disciplinas escolares, como a Sociologia, além de uma possível abordagem interdisciplinar. Ou ainda, através de livros, mangás, histórias em quadrinho, músicas, jogos, danças e tantas outras manifestações culturais, linguísticas ou científicas. O acesso a essas fontes produtoras de saberes, somadas às experiências vividas pelos alunos também já edificam seu conhecimento a respeito de uma grande metrópole, seu arranjo espacial e o fenômeno da especulação imobiliária.

Esse é um entendimento necessário aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, em especial aos professores, para que cada vez mais possam romper com aquilo que Freire nomeou de visão “bancária” da educação, onde “o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” e caminhem rumo à uma educação onde os alunos também são possuidores e produtores “do saber”.²

Nessa perspectiva, o professor de Geografia que tem como uma de suas missões principais, tal como indicado pela BNCC em sua introdução, contribuir para o desenvolvimento do pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico em seus alunos, deve perceber que não está equipado apenas com os conhecimentos científicos adquiridos em sua formação acadêmica, mas que possui também um grande arsenal de fontes de saber que podem ser explorados como ferramentas didáticas – e isso é maravilhoso! O Cinema, tão similar à Geografia Escolar, sob determinada perspectiva já levantada anteriormente, é uma dessas ferramentas, por isto deve cada vez mais se fazer presente na prática docente para que se atinja essa missão.

É importante destacar que para se chegar ao desenvolvimento do raciocínio geográfico, como esclarece a BNCC, “é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fatural”³ e

Embora o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressem aspectos diferentes do espaço geográfico: território, lugar, região, natureza e paisagem.⁴

Aqui está o objetivo principal desse trabalho: estimular o uso do cinema, em particular a categoria animação, como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, com foco na construção do conceito de território e debate sobre temas escolares em que este é importante. Para isso, três etapas serão praticadas no desenvolvimento a seguir: mostrar o caminho para o encontro entre Geografia e Cinema; destacar o conceito de território sob a perspectiva da Geografia Escolar brasileira e como este pode ser percebido nas obras cinematográficas; e, por fim, exemplificar algumas possibilidades de aproximações entre animações e temas, para que se atinja o objetivo principal.

2 ROTEIRIZANDO GEOGRAFIA, CINEMA E TERRITÓRIO

É importante ressaltar de imediato que o presente artigo não tem por prioridade discutir a fundo a conceituação de cinema, respeitando as profundas discussões que por

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. P. 39.

³ BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: educação é a base. Brasília: MEC/SEF, 2018, p. 360. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

⁴ *Ibid.* p. 361.

mais de cem anos têm ocupado acadêmicos de tantas áreas, profissionais, espectadores e amantes do audiovisual. O cinema, como instituição, vai muito além da obra (filme), como sugere a primeira definição do dicionário Aurélio, “Arte de compor e realizar filmes cinematográficos”, podendo ser estudado sob diversas perspectivas: arte, técnica, mercado, cultura, política, linguagem, etc.

Para além de uma definição descritiva dos espaços, o Cinema tem a capacidade de “representar nos filmes eventos e personagens em todo o seu ser fenomenológico, para que o espectador possa assumir a posição de participante”.⁵ O cinema será aqui tratado, então, como uma arte capaz de representar o mundo através de uma linguagem própria, colocando seus espectadores em um papel ativo dentro desse mundo, transportando os sujeitos para as situações das tramas exibidas.

O mundo cinematográfico, ou melhor, cada mundo cinematográfico (de cada obra), possui uma representação particular do mundo real – mesmo aqueles que produzem um mundo imaginário ou fictício são inspirados em situação reais, logo, também são representações do mundo real – com seus fenômenos, processos, natureza, cidades, políticas, religiões, fatos históricos e, sobretudo, sujeitos.

2.1. Ensaiando a Geografia no Cinema

Barbosa vai verificar “que a representação fílmica cria corpos visíveis, porém imaginários, que possuem como referentes, imediatos ou distantes, os corpos reais”.⁶ Os corpos da trama são representações dos corpos reais, sujeitos reais. Esses sujeitos e suas práticas atuam sobre algum espaço geográfico, o espaço visível e imaginário nos filmes, que são, também, representações dos espaços reais, modificados ou produzidos pelos sujeitos que ali habitam. Em outras palavras, se os personagens dos filmes devem ser tratados como representações dos sujeitos do mundo real (incluindo o espectador-aluno), os espaços dos filmes também devem ser tratados como representações dos espaços geográficos do mundo real.

Na savana africana (Rei Leão, 1996), em um arquétipo de cidade de beira de estrada (Carros, 2006), na metrópole Paris (Ratatouille, 2007) ou na metrópole fictícia de Zootopia (Zootopia, 2016), todos os eventos e fenômenos e seus personagens que acontecem nos filmes atuam sobre algum “palco”: a representação do espaço geográfico. Sendo assim, há uma espacialidade a ser trabalhada. Aí está o terreno fértil para o uso do Cinema na Geografia Escolar: a potencialidade de filmes como ferramentas para desenvolvimento do pensamento geográfico no processo de ensino-aprendizagem.

Com o objetivo de explorar essa potencialidade, para além da constatação da existência de representações de espaços geográficos nos filmes, é preciso, primordialmente, enxergar a Geografia no Cinema, ou seja, sair daquilo que Hopkins nomeou de Geografia do Cinema, a Geografia existente no filme, “que coloca o espectador em um lugar cinemático onde espaço e tempo são comprimidos e expandidos e onde ideais, costumes, valores e papéis sociais podem ser confirmados ou subvertidos”⁷ e cruzar rumo à Geografia

⁵ AITKEN, Stuart C.; ZONN, Leo E. Re-apresentando o lugar pastiche. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Cinema, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p.37.

⁶ BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.) A geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999, p.114.

⁷ HOPKINS, Jeff. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Cinema, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p.60.

no Cinema, onde há construção de saber geográfico. Influenciado por essa diferenciação levantada por Hopkins, Souza nos indica o caminho:

Ao mobilizarmos categorias e processos da Geografia e os associarmos com as imagens apresentadas pelo filme, estamos indo em direção à Geografia no Cinema, na qual o ver imediato torna-se um saber geográfico, tendo o cinema como expressão.⁸

Deve-se partir da premissa que o filme não é produzido por um geógrafo ou um professor de geografia, tão pouco tem por objetivo principal ser uma ferramenta didática para o ensino escolar. Logo, é necessário a apropriação do filme por parte do professor para que se instrumentalize daquilo que foi observado de Geografia presente nas obras cinematográficas e daí se construam conhecimentos geográficos, como nos ensina Barbosa ao afirmar que “o cinema se transforma de instrumento de exposição do mundo em um material de investigação do seu processo de criação”⁹ e que “ao estabelecer relações entre o visível e o invisível, o cinema constitui uma interação entre o ver imediato e sua significação.”¹⁰

Em outras palavras, acreditar que a Geografia, ainda que não seja essa sua missão principal, ajudou a construir os filmes ao existir neles – Geografia do Cinema – e, da mesma forma, os filmes, ainda que não seja essa sua missão principal, podem ajudar a construir a Geografia e seus saberes – Geografia no Cinema.

Para além de identificar as representações dos sujeitos (personagens) e dos espaços geográficos fílmicos, deve-se enxergar os principais conceitos e temas da Geografia, em especial aqueles do cotidiano da Geografia Escolar, representados nas obras, como nos indica Souza:

Ora, se a Geografia pode revelar as contradições, os processos, as tensões da produção (social) do/no espaço, a partir da (re)apresentação de determinados conteúdos num filme, acreditamos que a Geografia Escolar está apta a revelar intencionalidades, visto que ao optar por trabalhar com o cinema, o professor deve provocar o debate, através dos conceitos geográficos e análise dos processos aí assistido, estimulando o aluno a retomar o filme ao invés de simplesmente isolá-lo.¹¹

Retomando os exemplos citados anteriormente, podemos aprofundá-los, a partir do Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Exemplos de filmes e possíveis abordagens geográficas a partir de seus conteúdos e conceitos

Filme	Espaço fílmico	Conceito	Conteúdo
-------	----------------	----------	----------

⁸ SOUZA, Gabriel de Lima. Espaços de colisão: representações do espaço urbano no filme Crash – No Limite. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2016, p.19.

⁹ BARBOSA, Jorge Luiz. As paisagens crepusculares da ficção científica: a elegia das utopias urbanas do modernismo. Niterói: Editora da UFF, 2013, p.19.

¹⁰ Id. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.) A geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999. p.115.

¹¹ SOUZA, Gabriel de Lima. Espaço, cinema, imagem e representação: buscando aproximações e potencialidades para o ensino de Geografia. In: GeoPUC – Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, ano 6, n. 11, jan/jun. 2014.

Rei Leão (1996)	Savana africana	Paisagem	Biodiversidade e descrição de biomas
Carros (2006)	Pequena cidade de beira de estrada	Rede	Importância dos meios de transporte no território
Ratatouille (2007)	Paris	Lugar	Identidade e pertencimento
Zootopia (2016)	Metrópole fictícia Zootopia	Território	Territorialidades no meio urbano

Fonte: O autor, 2021.

O Quadro 1 expressa algumas possibilidades de apropriações dos filmes tomados como exemplo, mas não tem por objetivo encerrá-las. Pelo contrário, respeita-se uma pluralidade manifesta e desejável, existente, uma vez que: a) cada espectador interage com o filme à sua maneira; b) cada espaço pode ser interpretado a partir do olhar de cada sujeito (aqui o professor de geografia deve possuir um arsenal mais rico que o senso comum); c) a existência de um constelação de conceitos conexos e interdependentes, e a escolha de qual(is) priorizar; e d) as inúmeras temáticas do currículo escolar de geografia e as que podem aparecer de modo espontâneo durante as aulas.

Portanto, não é cabível receitar uma prática única, e sim estimular a exploração das infinitas possibilidades, e despertar, como nos ensina Freire a curiosidade necessária aos educadores e educandos, pois “sem a curiosidade, que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino”.¹²

A curiosidade do professor em explorar a potencialidade dos filmes torna-a uma prática pedagógica que goza de uma ferramenta didática capaz de convidar o aluno para o protagonismo da (re)construção do conhecimento, rompendo com um ensino tradicional bancário, pois “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.¹³

Ao transmitir os filmes em sala sugere-se convidar os alunos para debates, dando voz a ele na percepção dos saberes representados – debates que podem ser mais roteirizados pelo professor ou praticado em discussões mais abertas e espontâneas, onde o professor servirá como mediador do debate e pode, e sempre que possível, poderá destacar as falas dos alunos tentando trazê-las para os debates dos temas e conceitos da geografia.

Questionamentos como: “o que chama atenção nessa floresta e nesses animais do filme?” Levará os alunos a que descrevam a paisagem do bioma; “Por que a cidade é tão vazia e qual a importância dos turistas que passam por lá?” Fará com que os alunos reflitam sobre a importância das redes rodoviárias para a economia e integração de um território nacional; “será que não seria mais fácil o cozinheiro trabalhar em algum restaurante em outra cidade, que não Paris?” Levantará o debate sobre símbolos que alguns espaços carregam e a identidade que geram; “que grupos e conflitos da cidade de Zootopia

¹² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 55ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Paz e Terra, 2017, p.85.

¹³ Idem.

parecem com as situações reais da nossa cidade? ” Representará à dinâmica territorial urbana percebida pelas vivências alunos e a reflexão sobre a mesma.

Tantos outros rumos esses debates sobre essas obras podem ser direcionados. As exemplificações acima servem para retratar como a instrumentalização dos filmes pode ser trabalhada a partir e para vários conceitos. Na próxima seção será abraçado o conceito de território dada a sua importância na Geografia brasileira e as potencialidades que podemos encontrar para esse estudo em várias obras de animação.

2.2. Território indicado ao Oscar de protagonista: um olhar de destaque sobre esse conceito e como encontrá-lo no cinema.

Se a história do pensamento geográfico fosse um filme e seus conceitos os personagens, certamente esse filme não seria da categoria animação – que se caracteriza, na maioria de suas obras, por uma definição clara de heróis e vilões, protagonistas e coadjuvantes. Nada linear foi o roteiro da ciência geográfica, desde a Geografia tradicional, passando pela abordagem teórico-quantitativo, a visão marxista e a Geografia Cultural e Humanista. Nas diferentes correntes, os conceitos alternaram protagonismo, intervalaram heroísmo e vilania, nasceram e morreram diversas vezes, e hoje, temos um elenco recheado, como nos ensinou Haesbaert, de uma constelação de conceitos que mantem conexão e alimentam interdependências entre si, destacando o espaço geográfico (espaço-tempo), o território (espaço-poder), o lugar (espaço vivido), a paisagem (espaço-representação), o ambiente/meio (relações sociedade-natureza) e tangenciando todos eles, a região/regionalização (espaço recorte, diferenciação).¹⁴

A história da Geografia Escolar também não é linear, e, apesar de não dever ser tratada como um espelho da Geografia Acadêmica, como nos lembra Albuquerque, mas sim como uma disciplina com história própria, até mesmo anterior a disciplina acadêmica no Brasil e em muitos países, estas possuem uma relação de intercâmbio, onde uma é capaz de influenciar a outra.¹⁵ Nesse sentido, a autora demonstra que na Geografia Escolar, a partir da década de 70 há uma ruptura parcial com os modelos mais enciclopédicos e mnemônicos, que eram praticados até então, graças às influências da Geografia Tradicional, para introduções de perspectivas mais críticas, influenciadas pela vertente Crítica fundamentada no materialismo histórico e dialético.

Desde então o espaço aparece como conceito-chave tanto na Geografia acadêmica, como nos ensina Corrêa, quanto na Geografia Escolar¹⁶, como exposto na BNCC “o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia”.¹⁷ Ainda assim, a BNCC segue afirmando que “é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressem aspectos diferentes do espaço geográfico: território, lugar, região, natureza”¹⁸, como já mencionado na introdução deste artigo. Em outras palavras, a

¹⁴ HAESBAERT, Rogério. Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. RJ, Bertrand, 2014.

¹⁵ ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Dois momentos na história da Geografia Escolar e as contribuições de Delgado de Carvalho. Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.

¹⁶ CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia In. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo da Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

¹⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: educação é a base. Brasília: MEC/SEF, 2018, p. 361. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

¹⁸ Idem.

Geografia não deve se encerrar apenas no seu conceito-chave, mas sim se apropriar de outros conceitos para enriquecê-la.

Nesse momento é importante concordar com Souza que o espaço é anterior ao território, sendo o primeiro fruto da transformação da natureza (espaço natural) em espaço social, transformação essa, dada a partir do trabalho dos sujeitos e da consequente valorização desse espaço; e que nessa relação entre os sujeitos, e entre estes e o espaço, sempre há de haver disputas e relações de poder por e a partir desse espaço, concluindo que “assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social – ao menos enquanto o homem também estiver presente.”¹⁹

Dada essa premissa: todo espaço é também um território e toda espacialidade possui sua territorialidade; somada a premissa já explicada na seção anterior: todo filme é alocado em um espaço e possui espacialidade, e servem como representações dos espaços e espacialidades do mundo real, conclui-se que o espaço fílmico é também um território fílmico e que a espacialidade dos filmes também possui uma territorialidade, que servem como representações dos territórios e das territorialidades do mundo real, e podem, portanto, ser pontos de partida para a construção dos saberes geográficos que envolvam esse conceito.

2.3. Luz, câmera, animação: exemplos do território nas animações e sua apropriação pela Geografia Escolar

Construída a base teórica para o objetivo desse artigo, como, na prática, é possível se apropriar do conceito de território e debatê-lo a partir do que pode ser observado nos filmes da categoria animação?

Dar uma resposta única não somente é impossível, como também é ilegítimo. Não existe fórmula para o sucesso absoluto, porque não existe sucesso absoluto na educação. Para educar é preciso reconhecer a subjetividade e a pluralidade de todos os fatores envolvidos no campo escolar: os sujeitos, os espaços, os tempos, as vivências, as culturas, os saberes, os desejos, etc. Educar é ter a coragem de reconhecer que não se conhece essa fórmula, mas seguir muitas vezes sobre um *looping* de tentativas-erros-tentativas-acertos.

Escolher a categoria animação pode se mostrar assertiva dada a faixa etária do alunado e a maior probabilidade de os filmes serem previamente conhecidos. Também deve se considerar a probabilidade do interesse maior dos alunos, que já assistiram por vontade própria antes de ser proposto pelo professor. Até poderia ser escolhido um filme ainda não assistido, contudo, este não serviria como um saber prévio a ser instrumentalizado.

Sugere-se, nesse trabalho, partir de um filme já assistido, ou se necessário solicitar que os alunos assistam em casa uma vez antes da reprodução em aula, para se aproximar da missão que nos dá de aproveitar as experiências pretéritas que os alunos possuem para criar uma “intimidade” entre esses saberes prévios e os saberes curriculares.²⁰ O uso do filme conhecido há de tornar o aluno mais capaz de reconhecer e aprofundar as discussões levantadas (até por ele mesmo) no debate a ser trabalhado em aula; há de fazer com que o aluno parta de um saber prévio, transporte-o para a construção de um saber curricular

¹⁹ SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo da Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.96.

²⁰ Sobre isso, cf. Paulo Freire: Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, com destaque para a página 32.

(geográfico), e retorne ao filme para ressignificá-lo, juntando todos os saberes envolvidos – dando sentido e complexidade ao conhecimento.

2.3.1. O território no filme O Rei Leão.

Tendo como exemplo o filme *O Rei Leão* (1994), reconhecidamente um dos maiores clássicos e sucessos da categoria – se mantém, mesmo após duas décadas, entre as dez maiores bilheteiras da história na categoria e *seu live-action*²¹ (2019) está entre as dez maiores bilheteiras de todos os tempos.

A trama do filme consiste, resumidamente, em uma disputa familiar, envolvendo Mufasa (rei legítimo) e seu filho Simba (herdeiro legítimo) confrontados por Scar (irmão de Mufasa e vilão do filme) pelo trono do território das Terras do Reino, apresentado à Simba e ao público em diálogo exposto na Figura 1.

Figura 1 - Mufasa apresentando o território do reino a seu filho, e futuro rei, Simba.



O Rei Leão (1994), minuto 09:03.

Após assassinar Mufasa, Scar, seu irmão e vilão do filme, pratica um golpe de Estado com apoio das hienas, uma espécie socialmente e politicamente excluída das Terras do Reino, que formam um tipo de exército (Figura2). Assume o trono e, em pouco tempo, graças à sua tirania e ineficiência, passa a ter sua legitimidade questionada pelas leas (membras do governo) e pela população, que cada vez mais migra para outras terras distantes das Terras do Reino buscando sobrevivência.

²¹ O *remake* do filme, produzido pela Disney Animation Studios em 2019 atingiu US\$ 1.657.870.986 de bilheteria, segundo levantamento da Forbes (<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/04/blockbuster-as-10-maiores-bilheteiras-de-todos-os-tempos/#foto4>). Há uma polêmica entre os críticos quanto a escolha do termo *live-action* que a produtora adotou. *Live-action* são filmes que utilizam pessoas reais na atuação que podem interagir com personagens computadorizados. O filme, porém, é quase todo feito em computação gráfica, incluindo todos os personagens, e deveria, portanto, ser nomeado um *remake*, ou seja, uma nova versão da animação.

A trama se desenrola com a volta de Simba, filho de Mufasa, e uma seque guerra entre as forças de Scar e Simba, terminando com a vitória de Simba, que recuperará a prosperidade do território e a legitimidade com o retorno da população.

Figura 2 - Scar reúne as hienas para apoiar seu golpe.



O Rei Leão (1994), minuto 29:22.

A obra se encerra com uma cena semelhante a inicial, Simba, novo e legítimo rei, junto com sua família, apresenta sua filha à sua população, no topo da Pedra do Rei, simbolizando a retomada de poder sobre o território (Figura 3).

Figura 3 - Simba e sua família no topo da Pedra do Rei acenando à população que retorna para as terras reconhecendo seu governo.



O Rei Leão (1994), minuto 83:00.

Abrangente são as discussões que podem ser fomentadas nesse filme sobre o conceito de território que podem ser apropriados pela Geografia Escolar. Para citar algumas:

a) Poderá ser trabalhada a própria definição conceitual de território como “um espaço definido e delimitado por e partir de relações de poder” (SOUZA 2010, p. 78) usando de exemplo o reino em disputa onde se passa a trama. O professor pode instigar, durante o debate, os momentos do filme que ficam claras as relações de poder naquele espaço. Também pode debater quais os elementos presentes naquele espaço simbolizam o exercício de poder: nesse caso, deve ser percebida a importância da Pedra do Reino (figura 3), lugar onde os principais eventos relacionados à família real acontecem.

b) A discussão de poder e sua demanda por legitimidade, como nos ensina Arendt, “no momento em que o grupo, de onde origina-se o poder (*potestas in populo*, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, o „seu poder“ também desaparece.”²² O professor pode usar da situação fílmica em que o território é esvaziado após a migração da população para questionar: quando Scar está no governo de um território sem povo, ainda há território a governar?

c) A prática de violência que Scar adota em seu governo tirano pode fomentar a discussão em sala sobre a relação violência-poder, se um precisa do outro para existir ou se são opostos, como defende Arendt ao afirmar que “o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está a vias de ser perdido”.²³ O professor pode fazer comparações com os territórios conhecidos dos alunos, como a própria escola, e questionar se no espaço/território escolar existem relações de poder ou de violência entre aqueles que “governam” (diretores, coordenadores, professores) e aqueles que “são governados” (alunos).

d) Como “a palavra território evoca o “território-nacional” e faz pensar no Estado”²⁴, mas não precisa se restringir a ele, podendo existir “nas mais diversas escalas”, gerando diversas territorialidades no mesmo espaço – uma “superposição de diversos territórios”²⁵. Na animação o território-nacional está representado pelas Terras do Reino, descrita como “tudo aquilo que o sol toca” por Mufasa para Simba no minuto 9, mas fica exposto ao longo do filme a existência de regiões do reino onde nem mesmo os leões, representantes do Estado, possuem autonomia e poder sobre elas, como o cemitério de elefantes, controlado pelas hienas. O professor pode trazer para o debate comparações entre essa situação fílmica e a realidade, levantando perguntas como “quais são os territórios brasileiros que não são controlados pelo Estado e quem seriam as hienas da vida real? ”.

Essas são algumas das propostas, muitas outras reflexões podem ser feitas pelo professor ou por cada aluno, e, conseqüentemente outras formas de se chegar à construção do conceito de território e seus desdobramentos. Caberá ao docente estimular essas possibilidades e aproveitá-las como uma instrumentalização de sua didática em aula, sempre visando uma construção de saber mais complexa (e também mais completa) sobre os temas que puderem ser explorados através da animação, adaptando e mediando a ferramenta pedagógica com cada série e turma.

Cabe destacar que a razão da exemplificação feita é mostrar ser possível trabalhar com um filme para a construção do conceito, independentemente do momento ou turma, ou

²² ARENDT, Hannah. Da violência. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985, p.24.

²³ Ibid. p.29.

²⁴ SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo da Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.81.

²⁵ Ibid. p.91.

seja, essa atividade poderá ser realizada em qualquer aula e em qualquer série, não precisando estar restrita a um tema específico. O conceito de território, como já exposto na seção anterior, permeia vários temas do currículo nacional, logo, nunca será tardio debatê-lo com os alunos. Ao contrário, em todos os anos escolares o domínio dos conceitos fundamentais merecem ser (re)construídos, para que não se perca de pensar espacialmente e desenvolver o raciocínio geográfico.²⁶

Ainda assim, para seguir fomentado o interesse da prática aqui sugerida, propõem-se a seguir, no Quadro II, outras sugestões de animações e suas possibilidades de ser instrumentalizadas como ferramentas didáticas conectadas a alguns anos do ensino fundamental, optando por casos em que o conceito de território aparece de maneira explícita nos campos “objeto de conhecimento” ou “habilidades específicas” da BNCC. Vale ressaltar a possibilidade de realização de outras práticas semelhantes nos demais anos, incluindo o Ensino Médio, dada a presença da territorialidade onde há espacialidade, e, portanto, cabível para qualquer tema da Geografia Escolar, como já defendido anteriormente. Também cabe esclarecer que a BNCC não é aqui tida como ditadora única dos planejamentos escolares e das práticas pedagógicas, mas sim considerada dada a notória importância de ser um dos instrumentos norteadores destes planejamentos e práticas.

Quadro II- Sugestões de animações para atingir as habilidades específicas da BNCC

Ano	Unidade temática	Objeto de conhecimento	Habilidades específicas	Filme – potencial de aplicação
4º ano	Conexões e escalas	Territórios-étnico culturais	(EF04GE06) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.	Raya e o último dragão (2021) – A trama se passa em uma nação dividida entre seus diferentes povos (que podem ser representações metafóricas das etnias) que defendem o reconhecimento de seus territórios
5º ano	Conexões e escalas	Território, rede e urbanização	(EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.	Os sem floresta (2006) – O filme retrata o desmatamento florestal decorrido do avanço da urbanização sobre o território.

²⁶ Capacidade intelectual de utilizar dos conceitos e conhecimentos da Geografia e de outras disciplinas para realizar uma leitura do mundo que se vive, compreendendo a espacialidade dos fenômenos e sujeitos.

7º ano	O sujeito e seu lugar no mundo	Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil	(EF07GE01) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.	Você já foi à Bahia? (1945) – Características do personagem Zé Carioca, assim como as descrições da Bahia e a seleção de elementos culturais expostos podem ser avaliados.
8º ano	Conexões e escalas	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	(EF08GE05) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.	Tarzan (1999) – O enredo se passa em uma colônia de exploração britânica na África, representando um tempo pretérito de onde pode-se extrair os conceitos sugeridos pela habilidade específica e fazer uma reflexão desse passado na geopolítica atual.

Fonte: O autor, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se iluminar as potencialidades do uso de animações para o dia a dia nas aulas de Geografia. A relação Geografia e Cinema já é conhecida e praticada por muitos e, principalmente por isso, deve seguir sendo debatida. Deve-se reconhecer os dois, Geografia Escolar e Cinema, como formas de construção ou apresentação do mundo, sendo ambos, com suas linguagens e metodologias, são capazes de contribuir para a construção do saber dos alunos. Cabe ao professor cada vez mais se utilizar dessa situação e aproximar o Cinema de sua prática docente, como parte de sua didática em sala de aula, para aproximar e complexificar os saberes.

Usar os personagens das animações de modo que os alunos se sintam representados por eles. Usar as situações na trama das animações de modo que os alunos se sintam desafiados a solucioná-las. Usar dos símbolos nas animações de modo que os alunos se sintam instigados a encontrar símbolos semelhantes na sua rua, cidade, país. Usar de toda e qualquer situação fílmica para que o aluno se veja e veja o seu mundo real representado naquela obra.

Ainda que com uma série de particularidades e limitações, toda situação fílmica é uma questão geográfica, pois acontece sobre um espaço fílmico, que é a representação ou inspirado em espaços reais. Esse espaço fílmico, portanto, representa um espaço geográfico – e por consequência, um território, uma vez que as relações de poder no espaço são intrínsecas a ele.

Através do debate sobre o filme o professor poderá explorar a vivência do aluno perante a obra, explorar o imaginário autônomo dos seus educandos quanto àquelas situações apresentadas nas obras. Para o aluno, essa vivência do filme debatida na escola será viver uma representação do mundo, do espaço, do território e dos desafios expostos nele. Aí está: ele estará pensando nos temas e conceitos geográficos para esse desafio – estará construindo saberes geográficos valiosos para sua vivência, até mesmo fora do território escolar.

REFERÊNCIAS

AITKEN, Stuart C.; ZONN, Leo E. **Re-apresentando o lugar pastiche**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 15-58.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Dois momentos na história da Geografia Escolar e as contribuições de Delgado de Carvalho**. *Rev. Bras. Educ. Geog.*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.

BARBOSA, Jorge Luiz. **As paisagens crepusculares da ficção científica: a elegia das utopias urbanas do modernismo**. Niterói: Editora da UFF, 2013.

_____. **Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado**. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.) *A geografia em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 109-133.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> . Acesso em: 30 abr. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo da Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 77-116.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Paz e Terra, 2017.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

HOPKINS, Jeff. **Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Cinema, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. P. 59-94.

SOUZA, Gabriel de Lima. **Espaço, cinema, imagem e representação: buscando aproximações e potencialidades para o ensino de Geografia**. In: GeopUC – Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, ano 6, n. 11, jan/jun. 2014.

_____. **Espaços de colisão: representações do espaço urbano no filme Crash – No Limite**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2016.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo da Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. P. 77-116.

FILMOGRAFIA

AQUARIUS. Direção Kleber Mendonça Filho. Brasil: Globo Filmes, 2016. 145 min.

CARROS. Direção John Lasseter. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2006. 116 min.

O REI Leão. Direção Roger Allers, Rob Minkoff. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1994. 92 min.

OS SEM floresta. Direção Tim Johnson, Karey Kirkpatrick. Estados Unidos: DreamWorks Animation. 83min. (2006)

RATATOUILLE, Direção Brad Bird. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2007. 121 min.

RAYA e o último dragão. Direção Don Hall, Carlos López Estrada. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2021. 107 min.

TARZAN. Direção Kevin Lima, Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 95 min.

UP - Altas Aventuras. Direção Pete Docter. Estados Unidos. Pixar Animation Studios, 2009. 96 min.

VOCÊ já foi à Bahia?. Direção Norman Ferguson, Clyde Geronimi, Jack Kinney. Estados Unidos: RKO Pictures, 1945. 71 min.

ZOOTOPIA (2016). Direção Bryron Howard, Rich Moore. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2016. 108 min.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meu irmão, Miguel, por ser meu companheiro de animações, toda nossa família pela infância recheada delas, e minha companheira, Fernanda, por manter essa tradição viva.